

**PO 2016**

**António Marinho**

**24NOV2015**

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Início com uma transcrição quase fiel do testemunho de um Açoriano, empresário, de uma ilha em que tudo se torna mais difícil. Foi há cerca de um mês. Falava do estado da sua ilha e do que o Plano anualmente lhe destina.

“Já basta de ficar satisfeito primeiro e desiludido depois. Cheguei até a fazer despesas para melhorar o negócio e depois arrependi-me. O que se passou não foi o que nos tinham dito.

O que metem todos os anos cá na ilha não bate certo com os papéis. É sempre muito menos. E aquelas promessas de encher o

olho? Há uma aqui na ilha que já lá anda para aí há uns 10 anos. Para o ano, com eleições, já estou a ver que vão jurar por Deus e pelo diabo que agora é que vai ser.”

Foi o mesmo tom que ouvimos da parte de muitos Açorianos ao longo deste último mês e meio. Em todas as ilhas. Lavradores, pescadores, empresários, sindicatos, responsáveis da área social ou gente da cultura. Individualmente ou pelas suas associações representativas, a nível ilha ou regional. E entre estes estavam, naturalmente, militantes partidários. Profissionais, como os outros, ou envolvidos em instituições em que exercem a sua cidadania. E preocupados, obviamente, com o que os afeta na sociedade em que vivem. Da nossa cor? Sim, muitos deles. E havia também de cores diferentes? Sim, em alguns casos de forma curiosa.

Todos eles... Açorianos!

Mas este sentimento de descrença existe também a outro nível. Com a receita de um governo cansado de quase 20 anos, que não está a resolver os problemas gravíssimos que afetam a sociedade açoriana. Em que os últimos 3 anos se revelaram como os mais falhados pelo marasmo de governação que representaram. Em que

o último ano desta legislatura, mais uma vez, não apresenta novidades. Reincide num modelo que deu provas de não conseguir atacar a raiz dos problemas e que apenas se fica por tratamentos de circunstância. Que apenas atenuam o sofrimento, mas que são incapazes de reconstituir uma esperança perdida, há anos demais, por milhares e milhares de Açorianos.

Este último ano dos quatro que serão julgados em 2016 poderia ser uma última oportunidade para cumprir expectativas. Mas o que é proposto é a confirmação da incapacidade que o governo tem revelado em as cumprir.

Os Açorianos assistem à falta de estratégia e de políticas consequentes que recoloquem os Açores em condições de enfrentar o futuro. Que dêem condições de exercício de atividade às empresas, os verdadeiros motores de criação de riqueza e emprego. Que proporcionem qualidade de vida às pessoas que vivem nestas nove ilhas.

São essas as duas razões fundamentais que nos levam a considerar que não existe credibilidade nos documentos hoje sujeitos a debate parlamentar.

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Olhemos para o primeiro nível da falta de credibilidade que nos é apresentada.

Temos, anualmente, pela boca do governo, os maiores Planos de sempre. E temos, anualmente, pela boca do mesmo governo, a título da prestação de contas que desejariam não ter de fazer, a prova de que ficaram muito longe de cumprir o que antes apresentaram com pompa e circunstância.

Focando-nos nesta legislatura, dizia o governo que os Açores iriam beneficiar de uma verba de 437 milhões de euros com o Plano de 2013. Feitas as contas, apenas cumpriram 85%, com 373 milhões de euros. Ou diziam, em 2014, que o Plano traria 433 milhões de euros aos Açorianos. Mas deixou 115 milhões de euros para trás e só cumpriu com 318, executando apenas 73%. Ou mesmo já no ano em curso, em que a promessa foi de 484 milhões de euros, mas que a um trimestre do final do ano ainda só tinha

203 milhões executados. Apenas 42%.

E quem pode acreditar que a intenção do governo vai ser concretizada se há exemplos, em todas as ilhas, de ações-fantasma que povoam os Planos anos a fio, sem que vejam a luz do dia que surgiria na sequência da sua implementação? O nosso empresário, citado no início desta intervenção, falava em 10 anos de espera por uma promessa eternamente adiada para a sua ilha. E, ainda assim, inscrita nos sucessivos Planos.

Iremos, ao longo destes dias, lembrar do muito que foi prometido e nunca cumprido. E que mais uma vez tende a não ser objeto de concretização neste ano que resta ao governo para dar uma prova de vida.

Daremos exemplos concretos. Como o da Escola Secundária das Lajes do Pico, há 17 anos a receber a distinção de figurar no Plano para avançar no ano seguinte, que já teve 34 milhões de euros reservados para o efeito. Mas que ainda continua nas mesmas instalações, a funcionar sem condições adequadas de forma a proporcionar bons níveis de ensino aos jovens que a frequentam.

São várias as considerações que se impõem e que ficam sob a

forma de pergunta.

Dos 524 milhões de euros que o governo colocou no papel para o Plano para 2016, é sério dizer que serão efetivamente concretizados?

E, dentro desse valor, quanto representam as ações já concretizadas, cujos efeitos já se esgotaram e que agora apenas constam do Plano por carecerem de pagamentos que ficaram adiados, não contribuindo assim para a necessária criação de riqueza e de emprego?

E quanto estará, no Plano, associado ao pagamento de despesas correntes, anualmente identificadas pelo Tribunal de Contas e objeto de preocupação daquela entidade independente?

Como nos foram dizendo por esses Açores, é fácil preenchermos papéis com grandes números. O papel aceita tudo.

Só que as palavras e os números, no papel, são apenas isso mesmo. Palavras e números.

Daí a falta de credibilidade dos documentos burocráticos apresentados. Um verdadeiro embuste dirigido aos Açorianos.

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

Se é fácil colocar números no papel, mais complexo e trabalhoso é construir soluções que contribuam para atenuar o sofrimento das pessoas e alterar as fraquezas da economia açoriana.

À nossa frente temos falta de novidade. Temos a manutenção de opções e o prosseguimento de um modelo de intervenção na sociedade que se tem revelado incapaz de resolver os problemas, ou que até os tem intensificado. É manifesta a insensibilidade com os anseios das pessoas e das empresas.

É este o segundo nível de falta de credibilidade no que é proposto.

São muitos os indicadores esclarecedores que o governo não gosta de ver invocados. Indicadores que representam Açorianos e que desesperam a maioria quando são citados.

Governo e maioria partem sempre para o ruído e para a sua desvalorização. Desrespeitando as pessoas que lhes estão

associadas.

Falaremos aqui, nestes dias, do que representam. E sabemos que do lado do governo sairá o desprezo por quem por eles é afetado. E que serão criadas jogadas de diversão para que não sejam ouvidos por quem sofre.

Este é um governo que foge à denúncia dos problemas. Não por vergonha, mas sim para que, pelo desconhecimento, seja assegurada a sua perpetuação no poder.

Só que as pessoas sentem. E têm sido muito martirizadas ao longo dos últimos anos. Em especial na legislatura que terminará com estes documentos orçamentais.

Esta última oportunidade do governo não altera, definitivamente, o rumo que os Açores seguiram nos últimos anos.

O rumo que levou a que o RSI atinja a maior percentagem da população a nível nacional, quase quadruplicando a média do país. O rumo que levou a que mais de 70% das famílias açorianas sobrevivam com menos de 530 euros mensais. O rumo que levou a que o abandono escolar precoce atinja máximos nacionais. O rumo



que conduziu à insegurança na saúde, com muitos milhares de Açorianos sem acesso a médico de família e também muitos milhares que aguardam anos por uma cirurgia. O rumo que levou a níveis de desemprego elevados, designadamente o que afeta a população jovem, felizmente atenuados por força da descida das tarifas aéreas com o exterior e com a expectativa criada a nível da redução de impostos, factos a que o PSD/Açores e o seu Presidente de encontram orgulhosamente associados.

Estes são os exemplos gritantes da falência da governação dos últimos 3 anos. A mesma que este Orçamento, e este Plano em particular, fazem perdurar por mais um ano. O último. O da oportunidade que não é novamente aproveitada. O do adiamento da esperança para as famílias e empresas açorianas.

Este é o segundo nível da falta de credibilidade das propostas que este governo apresenta aos Açorianos. A falta de credibilidade determinada pela falta de resultados.

Senhora Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

É a tudo isso que o PSD/Açores não quer ficar associado. Nem à ilusão do irrealizável, nem aos insucessos que penalizaram e penalizam as famílias e as empresas.

Demos dois anos de benefício da dúvida. Abstivemo-nos em 2013 e em 2014. Porque não queríamos ser a desculpa para o insucesso no trabalho em benefício dos Açorianos.

Os Açorianos, contudo, viram o seu sofrimento agravado.

Por isso, 2015 foi o ano de viragem. E votámos contra. Porque se mantinha um rumo que já se sabia que não ia reconduzir os Açores ao progresso.

Para este último ano da legislatura, a Saúde, o Emprego, os Transportes e a Agricultura foram as áreas de maior preocupação que nos fizeram sentir em todas as ilhas. A elas daremos atenção especial. Porque temos uma atitude diferente.

Quanto ao governo, mais uma vez, só pensa em si mesmo. Não ouve os Açorianos. Deixa-os à sua sorte.

Da nossa parte, só podemos votar contra. E apresentar propostas pontuais para minimizar alguns danos na vida das famílias e das empresas.

Queremos uns Açores melhores. E maior felicidade para os Açorianos.

Quanto a inverter o rumo, só o podemos fazer dentro de um ano. Vamos trabalhar para isso!

Disse